

João Adelino Faria (J. A. F.) — Muito bom dia. Questionamos muitas vezes sobre quando é que se deve falar de sexo com uma criança, qual é a idade limite, como é explicar que há meninos que gostam de meninas, e meninos que gostam também de meninos, ou mesmo meninas que só gostam de meninas? Como alertar para os perigos dos abusos sexuais? Tudo isto são dúvidas de muitos pais e de adultos que lidam com crianças e adolescentes. É também o ponto de partida para a conversa na *Esfera Familiar* de hoje, com o Professor Daniel Sampaio. Daniel, bom dia.

Daniel Sampaio (D. S.) — Bom dia, João.

J. A. F. — Utilizei de propósito este «meninos e meninas», porque é como eles perguntam. Isto vem ainda mais a propósito, porque o Daniel presidiu a um grupo de trabalho para a educação sexual e saúde, que chegou a várias conclusões que se inserem exactamente no nosso tema de hoje. Depois de ter analisado a forma como a sexualidade em Portugal é explicada aos adolescentes e às crianças, qual é, no final de todo este trabalho, a sua principal preocupação, e aquela a que não só o governo como os pais devem estar atentos?

D. S. — A preocupação deve ser já nas escolas, e temos de a distinguir da educação sexual que se costuma chamar informal, que tem a ver com as suas questões iniciais: como se fala em casa, co-

mo se fala com os amigos. Trabalhei num grupo sobre a educação sexual em meio escolar. Portanto, o que é que a escola pode fazer como complemento da família? Já há muitas escolas a trabalhar esta área e bem, há outras que estão a trabalhar ainda de uma forma muito reduzida, portanto a minha principal preocupação, como coordenador do grupo de trabalho que terminou as suas funções, é que as nossas propostas sejam continuadas e que não se perca alguma coisa que se conseguiu nos dois anos de trabalho desta equipa.

J. A. F. — Vamos então ao tema. Existe, ou não, uma idade em que se deve ter a tal conversa? Primeiro, deve-se ter a iniciativa dessa conversa com uma criança sobre o que é a sexualidade e os perigos, ou ela deve surgir naturalmente?

D. S. — Não. É muito importante falarmos sobre isso, porque, como já temos referido aqui a propósito de outras questões, não se deve adiantar informação às crianças, primeiro porque é muito difícil e, depois, porque nos arriscamos a não dar informação no tempo certo, pois não se pode definir o momento essencial para o fazer. A primeira coisa a dizer aos pais é que devem responder de uma forma adequada à medida que as crianças forem suscitando dúvidas e pondo perplexidades sobre essa questão.

J. A. F. — Há muitos pais que perguntam o que é responder de uma forma correcta.

D. S. — Depende da idade.

J. A. F. — Então começamos pelos mais pequeninos.

D. S. — Nós podemos dizer — e foi Freud que demonstrou isso, no início do século XX, já há muito tempo — que há uma sexualidade infantil. As crianças têm uma sexualidade, têm prazer com o corpo, que é a primeira dimensão da sexualidade. Começam por ter prazer à volta da boca, quando mamam; depois têm prazer nos órgãos genitais; e, por volta dos três anos, começam a fazer per-

guntas. Isso é muito variável. Então as primeiras perguntas que fazem são as diferenças entre os rapazes e as raparigas, que é aquela conversa: «Tem pilinha, não tem pilinha, como é que são as meninas, como é que são os rapazes?» Fazem perguntas, muitas vezes uns aos outros, mas também aos pais. Os pais aí devem explicar duas coisas: primeiro, que os rapazes são diferentes das raparigas, quais são as características que distinguem assim à vista um rapaz e uma rapariga, e depois devem ajudar a perceber desde muito cedo que o corpo é um território privado.

J. A. F. — Mas que não é tabu também.

D. S. — Que não é tabu, que se deve falar dele, que se deve explicar que o corpo dá prazer, dá satisfação. Mas ao mesmo tempo deve-se dizer que a criança deve perceber que o corpo é seu e, portanto, entre os quatro e os seis anos, convém começar a dar alguma noção dos limites do corpo, no sentido de que a criança deve perceber que não pode ser invadida nesse território corporal por um estranho. Sabemos que muitas vezes nessas alturas há situações de abuso sexual que não são tão raras como se possa imaginar.

J. A. F. — Como é que se pode preparar, sem assustar, uma criança de cinco anos para eventuais abusos sexuais? Muitos pais têm este dilema.

D. S. — As crianças têm uma noção muito precisa de até onde os adultos podem ir. E, portanto, o que se deve dizer à criança é: quando te sentires incomodada por uma carícia, por uma manifestação de ternura, por uma aproximação de um adulto ou de um rapaz ou de uma rapariga mais velhos, debes recuar. É difícil fazer isto, porque nós podemos cair no oposto e às vezes vemos isso. Quando vamos na rua e olhamos para uma criança e queremos fazer uma festa, há crianças que estão agora muito alertadas e que se afastam. Porquê? Porque se fala agora muito mais dos abusos sexuais. E ainda bem.

J. A. F. — Até os próprios adultos já têm algum receio em fazer uma carícia que não seja mal interpretada.

D. S. — Exactamente. Isso é péssimo, porque precisamos de, em relação às crianças ou adolescentes, ter uma atitude de firmeza, como temos aqui falado muitas vezes, mas o afecto é fundamental. A criança é o guia se estiver alertada. Se a criança não estiver minimamente avisada, tem tendência a pensar que os adultos são todos bons, ou iguais ao pai e à mãe (na maioria dos casos são pessoas boas para ela). Portanto, aí é preciso fazer a diferença entre uma festa, uma carícia, que tem uma envolvente amorosa e afectiva em relação à criança, e qualquer coisa que invade a sua intimidade e privacidade. E o guia é a criança.

J. A. F. — Daniel, mesmo sem falar com as crianças, estão os pais a transmitir as suas convicções, os seus princípios, os seus valores de sexualidade à criança?

D. S. — Ora, muito bem. Isso é fundamental. Estão constantemente a transmiti-los. Isso é aquilo que eu chamei, há bocado, educação sexual informal. Este termo «educação sexual» dá ideia de que a sexualidade se pode ensinar, como o inglês e a matemática. É muito importante que as pessoas percebam que isso não é possível. Pode-se dar informação sexual integrada num contexto educativo e a escola pode ter um papel. Mas esse não é o papel dos pais. O papel dos pais é através do modelo, do exemplo. Como é que os pais podem fazer isso? Bom, primeiro, em relação à maneira como se comportam um em relação ao outro. Estamos agora a falar de famílias nucleares, onde existe pai e mãe. Mas isso seria igual entre uma mãe que se separou e tem um namorado e um pai que se separou e tem uma namorada. Os adultos devem ter um comportamento de alguma contenção em relação às manifestações da sua sexualidade. As crianças não devem perceber completamente ou vigiar — algumas crianças vigiam — a sexualidade dos pais. Isso é, evidentemente, péssimo. Mas têm que, ao mesmo tempo, se possível, transmitir que há afecto, que há amor na sua relação. Portanto, as carícias entre os pais e a forma como os pais transmitem isso é fundamen-

tal. Depois, não podemos esquecer que o tema da sexualidade é ainda difícil. Quando eu era jovem, mesmo quando o João era jovem (são quase vinte anos que nos separam), era tabu. Agora não pode ser tabu. Porquê? Porque estamos na era das imagens e as imagens invadem o quotidiano das famílias. Temos as séries de televisão, temos a Internet. E os pais têm de dar atenção aos seus comportamentos e, ao mesmo tempo, têm de estar atentos aos comentários que emitem acerca das imagens sobre sexualidade que as crianças vão vendo, vão espreitando e sobre as quais fazem perguntas.

J. A. F. — E no meio dessa confusão — porque pode ser confuso para a criança ouvir o que o pai ou a mãe dizem ou fazem em termos de sexualidade, ver na televisão, e a seguir chegam à escola e têm outra educação —, no meio de todo este labirinto, quem é que consegue pôr ordem na cabeça de uma criança? É difícil?

D. S. — É difícil.

J. A. F. — Por isso é que deve haver uma coordenação.

D. S. — Em caso de dúvida, prevalece sempre a opinião dos pais. E por isso é que os pais não se podem demitir. Agora, porque é que é importante haver educação sexual em meio escolar? Há pessoas que acham que não, há pessoas que acham que a família pode fazer tudo. Eu não concordo nada com isso. Acho que a escola é um território muito importante. Logo no primeiro ciclo — na instrução primária, para os nossos ouvintes mais antigos — os alunos começam a confrontar-se com uma coisa muito importante que é a aprendizagem dos papéis, quer dizer, um menino e uma menina vão ter de desempenhar na escola um papel que a sociedade atribui ao rapaz e à rapariga. E aí pode haver algumas dúvidas: o que é adequado, para um rapazinho de seis ou sete anos, e o que é adequado para uma menina da mesma idade. Então é muito interessante, porque, por exemplo, por factores culturais, e não por factores biológicos, as meninas erotizam muito mais as relações. É muito interessante observar isso na escola primária.